

DISCURSO DE ÓDIO E ESTRATÉGIAS *LINGUISTICAMENTE* ABAIXO DO RADAR: A AMPLIFICAÇÃO BOLSONARISTA ATRAVÉS DOS PÚBLICOS REFRAATADOS

Hate discourse and linguistically under-the-radar strategies: Bolsonaroist amplification through refracted audiences

Graziela HAHN

Programa de Pós-graduação em Linguística
Universidade Federal de Santa Catarina
grazielahn@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2293-8852>

RESUMO: Este artigo segue a concepção de que a linguagem é uma forma de ação e que, enquanto tal, faz parte de estratégias mais complexas de análise. Nesse sentido, discuto a ideia de como a linguagem, na forma de discurso de ódio, compõe parte fundamental das estratégias abaixo do radar dos públicos refratados - públicos que são contornados pelos usuários - atuando como estratégia bolsonarista de amplificação nas mídias digitais. Esboçando a maneira danosa e violenta de ataques linguísticos do corpo digital bolsonarista, analiso algumas formas simbólicas investidas contra Gabriela Prioli, por meio das quais uma série de outros efeitos têm origem. Analiso, sobretudo, dados disponíveis em meio público digital, publicados no perfil pessoal da apresentadora na plataforma da rede social Instagram. Abordo os modos pelos quais Prioli é diminuída, depreciada e violentada através da linguagem, revelando como essas práticas linguísticas, por se darem em um nexo *on/off-line* afetam profundamente os fluxos de informações em sociedades pós-digitais como a nossa. Essa discussão significa, no limite, que as dinâmicas em públicos refratados devem ser consideradas nos estudos de outros campos como uma questão de forma de violência que se dissemina algoritmicamente no meio digital e a partir da qual o influenciador controla o viés do ambiente. Para articular a proposta, anoro a discussão em uma interface entre estudos antropológicos e linguísticos, partindo da definição de públicos em rede (BOYD, 2010), que é questão fundamental para entendermos como os públicos refratados (ABIDIN, 2021) aqui abordados funcionam através de diferentes usos linguísticos violentos (SILVA, 2010, 2020) que atuam em nosso contexto social pós-moderno (BLOMMAERT, 2020).

PALAVRAS-CHAVE: Discurso de ódio; Públicos refratados; Estratégias abaixo do radar; Bolsonaro; Gabriela Prioli.

ABSTRACT: This article follows the idea that language is a form of action and that, as such, it is part of more complex strategies of analysis. In this sense, I discuss the idea of how language, in the form of hate speech, forms a fundamental part of strategies below the radar of refracted audiences - audiences that are circumvented by users - acting as a Bolsonarist amplification strategy in digital media. Outlining the harmful and violent way of linguistic attacks by the Bolsonarist digital body, I analyze some symbolic forms invested against Gabriela Prioli, through which a series of other effects originate. I analyze, above all, data available in digital public media, published in the presenter's personal profile on the Instagram social network platform. I approach the ways in which Prioli is diminished, depreciated and violated through language, revealing how these linguistic practices, due to their on/offline nexus, profoundly affect the information flows in post-digital societies like ours. This discussion means, at the limit, that the dynamics in refracted publics should be considered in studies in other fields as a question of the form of violence that spreads algorithmically in the digital media and from which the influencer controls the bias of the environment. To articulate the proposal, I anchor the discussion in an interface between anthropological and linguistic studies, starting from the definition of networked publics (BOYD, 2010), which is a key issue to understand how the refracted publics (ABIDIN, 2021) addressed here work through different violent linguistic uses (SILVA, 2010, 2020) that operate in our postmodern social context (BLOMMAERT, 2020).

KEYWORDS: Hate discourse; Refracted audiences; Strategies under the radar; Bolsonaro; Gabriela Prioli.

INTRODUÇÃO

Enquanto os espaços físicos são delimitados por noções de tempo e espaço, no ambiente virtual isso não importa muito e é justamente partindo do meio digital que falar de Jair Bolsonaro ficou na moda. boyd (2010) explica que as redes sociais são espaços de encontros *on-line* que funcionam como uma ferramenta para ver e ser visto, na qual aqueles que dela fazem parte, compõem o que a autora chama de públicos em rede. Segundo ela, públicos em rede são esses sujeitos inseridos no meio digital e que ampliam e conectam mundos para além do contexto *off-line*. Em consonância ao argumento de boyd, Blommaert (2020) explica que a ideia de público não pode mais ser vista como uma entidade hegemônica para explicar a audiência fragmentada de nossa era pós-digital. Desse modo, então, podemos olhar para o conceito de públicos refratados, cunhado por Abidin (2021), como um amparo para as discussões em torno do papel proeminente que a internet tem na transformação da esfera pública e da sociedade civil. Segundo Abidin (2021), públicos refratados são aqueles contornados pelos usuários, ou seja, são as camadas semiopacas que se formam entre a internet de superfície e a parte mais oculta da *web* - e sobre o qual nos debruçaremos com maior atenção adiante.

Blommaert (2020) nos situa em um contexto social pós-digital, no qual as vidas *on* e *off-line* não podem mais ser separadas. Segundo ele, é nesse contexto fundido, ou nesse colapso de contexto (BOYD, 2010), que novas práticas de interação social, troca de conhecimento, aprendizagem, formação comunitária e trabalho identitário surgem e afetam o fluxo de informações. Nesse sentido, a mídia tradicional perde força e espaço para as mídias digitais, remoldando os sistemas de comunicação e a configuração social. A infraestrutura digital passa a fazer parte da estrutura social convencional e essa mudança exige que prestemos mais atenção no que diz respeito à circulação de mensagens e seus significados.

Esse aspecto nos lembra, como também aponta Blommaert (2020), que a maioria das pessoas busca informações diretamente através do espectro da mídia a qual estão expostos e, claramente, o acesso ao discurso político não foge à regra. No Brasil e no mundo, os modos de fazer política têm se modificado cada vez mais por meio de ações no ambiente digital. Desde os tempos da corrida eleitoral de 2018, inúmeros estudos, em diferentes campos do conhecimento, vêm mostrando como os novos modos de fazer política têm atuado no meio digital, buscando reverberações *off-line* (CESARINO, 2020) e propiciando a ascensão da máquina do ódio (MELLO, 2020) bolsonarista ao poder. É nesse mesmo sentido que Silva (2020) analisa o que chama de *pragmática do caos de*

Jair Bolsonaro, ao argumentar a respeito do método reflexivo, ordenado e laminado de produzir um sentimento permanente de agitação e opacidade nas audiências políticas, que é utilizado, nos termos do autor, pela agenda conservadora no Brasil. Essa opacidade, como vemos em Silva (2020), é sempre utilizada como tática política para desviar o foco de cenas que dizem respeito à violência e, como foco principal aqui nesta discussão, à violência na linguagem. Tratar a respeito da temática da violência é discutir a respeito de um problema que atinge o meio social de diferentes formas. Sem escolher estratificação social, é uma violação a qual todos estamos sujeitos, podendo sermos atingidos por uma de suas manifestações a qualquer momento.

Nesta pesquisa, então, o objetivo é abordar a problemática da violência linguística, sem anular o fato de que existem diversas outras formas, concentrando-me em uma especificidade: o discurso de ódio. Para tanto, ao longo do texto, busco mostrar de que forma a linguagem atua como estratégia abaixo do radar e, através dos públicos refratados, performatiza uma amplificação bolsonarista. No decorrer dessa articulação, discuto a forma como os públicos refratados são utilizados como parte da estratégia da direita – Bolsonaro – de evocar o *enxame* para atacar em seu nome, ganhando força e atingindo, cada vez mais, em diferentes proporções, aqueles que estão fora da bolha apoiadora bolsonarista.

É importante, também, lembrarmos de que o discurso de ódio, no Brasil, é criminalizado pela Constituição Federal (1988) e é, ainda, um assunto que ganhou notoriedade nos últimos tempos (sobretudo com textos como os de Mello (2020), que denunciam cenas de violência na linguagem – e que são constantemente apagadas), pois, como sabemos, faz parte da retórica diária de figuras como o ex-presidente. O Código Penal Brasileiro tipifica o crime de injúria verbal que é, segundo Silva (2019), quando um ato de fala racista – ou outro ato injurioso – é direcionado a um indivíduo ou grupo, incitando ódio ou inferiorizando-os, tomando como *justificativa* para tal características como raça, gênero, sexualidade, etnia etc., como se atos violentos pudessem ser, de alguma maneira, justificáveis.

Nesse sentido, Butler ([1997] 2021) aponta para a conexão entre as vulnerabilidades física e linguística quando afirma que o “[...] efeito do insulto [...] é como levar um tapa na cara” (BUTLER, [1997] 2021, p. 16). Para explicitar a dor linguística que pode atingir um sujeito através do discurso de ódio, a autora nos mostra como certas palavras, ou certas formas de chamar, podem ameaçar o bem-estar físico. Até aqui, no entanto, a violência transmitida através do discurso de ódio está na dimensão simbólica, que ocorre por meio das palavras e estas, por sua vez, podem estar *mascaradas*, subentendidas quando não

ditas claramente. Para exemplificar, vamos observar o caso que nos ajuda a delinear a presente discussão:

Figura 1:



Fonte: Print de tela. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ch_IrVVuwW7/. Acesso em: 04 Set. 2022.

Nessa era pós-digital em que vivemos, muitos são os casos em que Bolsonaro é acusado de cometer injúria verbal. A cena apresentada no *print* acima é apenas um recorte de uma história recente e polêmica. Na imagem, vemos a manchete da revista *Veja* sendo publicada no perfil de Jair Bolsonaro na rede social Instagram, em 1º de Setembro de 2022. Na legenda da publicação, deixando de lado qualquer estratégia de polidez linguística que deva utilizar alguém que ocupa o cargo de Presidente da República, Jair Bolsonaro escreve:

1) Tabajara Futebol Clube diz porque não quer Neymar no seu time. (Jair Bolsonaro).

Para compreendermos do que se trata, precisamos retomar que o Tabajara Futebol Clube se trata de um time de futebol fictício, criado pelos humoristas do grupo Casseta & Planeta, que satiriza o submundo do futebol brasileiro e compunha um quadro humorístico, criado no início dos anos 2000. A sátira apontava para dirigentes de futebol incompetentes e tratava o time sob a alcunha de *pior time do mundo*; tinha como mascote uma vaca, como patrocinador o *Leitinho Quentinho do Papai* e participava da série Z do Campeonato Brasileiro de futebol. Associada a essa legenda (I), que é carregada de

significados pejorativos, vemos a imagem de Gabriela Prioli estampada na manchete que noticia o fato de que a apresentadora se negou a receber Bolsonaro em seu programa de TV, da rede CNN Brasil¹.

Antes de toda a repercussão que a cena obteve nas mídias digitais, Bolsonaro transmite uma comparação que coloca em dúvida, como sempre, a credibilidade da mídia corporativa, ao comparar sua relevância com o *Tabajara F.C.*. Em segundo plano, essa ofensa é direcionada a uma mulher de 36 anos de idade, grávida (na época) de seis meses de uma menina. Gabriela Prioli Della Vedova é advogada criminalista, professora universitária, comentarista política e apresentadora de TV brasileira. Ficou nacionalmente conhecida por integrar o quadro *O grande debate* (CNN Brasil) e, mais recentemente, por sua resposta a essa postagem de Jair Bolsonaro. Conforme ela relata em seu vídeo, a publicação do ex-presidente em seu perfil no Instagram ocasionou o que ela tornou público ao se pronunciar:

II) Eu recebi centenas de ameaças nas últimas horas e ele sabia que isso aconteceria. Esse era o objetivo dele. (Gabriel Prioli).

A partir de relatos como esse (II), de Gabriela, começamos a compreender os modos como o discurso de ódio, enquanto prática bolsonarista que se utiliza dos públicos refratados (ABIDIN, 2021), age para chamar o *enxame* para atacar, ou seja, como uma prática que atua nessa estrutura de comunicação altamente complexa, na qual a interferência algorítmica encaminha o conteúdo para vários públicos específicos. Aqui, defendo a ideia de que isso ocorre devido às estratégias abaixo do radar que são utilizadas como estruturação sistêmica do bolsonarismo, impulsionadas pela infraestrutura das mídias. Para tal, compreendo que a linguagem age – e age performativamente (AUSTIN, 1969) - trazendo diferentes efeitos de acordo com o ato de fala em questão, tendo em vista que, conforme Cesarino (2022), os públicos bolsonaristas se formaram a partir de demandas latentes dos usuários das mídias digitais e que são, o tempo todo, interpelados pelos sistemas algorítmicos em camadas cognitivas que realmente se parecem com agentes humanos.

Nos termos de Austin (1969), percebemos que os enunciados que proferimos fazem mais do que representar algo no mundo, mas que eles produzem um efeito: que *dizer é fazer*. Nesse sentido, as consequências ou efeitos que a fala causa ao interlocutor – o efeito perlocucionário - são percebidos no exemplo acima (II) e, como veremos ao longo do texto, não age apenas sobre Gabriela e em como ela ressignifica o discurso de

¹ O presente texto foi escrito antes de a apresentadora, na data de 24 de Janeiro de 2023, anunciar em seu perfil oficial na plataforma Instagram, seu desligamento da Rede CNN Brasil.

ódio da estrutura bolsonarista, mas também sobre aqueles que acompanham a discussão nas redes sociais.

No que diz respeito à resignificação, Butler ([1997] 2021) trata da questão a partir de sua teoria de gênero e toma como partida para esse conceito as polêmicas do discurso de ódio. Na discussão que Butler ([1997] 2021) realiza, a resignificação é tratada como estratégia linguístico-política em relação à violência presente no discurso violento. Para ela,

Desapropriar a força da linguagem injuriosa para contradizer a injúria constitui uma estratégia que resiste à solução da censura patrocinada pelo Estado, de um lado, bem como o retorno à impossível noção da liberdade soberana de um indivíduo, de outro. (...) A resignificação do discurso requer a abertura de novos contextos, falar de formas que ainda não foram legitimadas, produzindo daí legitimação em uma forma nova e ainda futura. (BUTLER, [1997] 2021, p. 41).

A partir dessas questões, então, para que a articulação proposta por esse estudo seja explanada, a estrutura metodológica desta pesquisa caracteriza-se como descritiva, exploratória, aplicada e de cunho qualitativo, podendo ser descrita da seguinte forma: selecionei o vídeo de Gabriela Prioli em resposta a Jair Bolsonaro e a postagem dele para discutir meus apontamentos. O *corpus* deste estudo é composto por recurso audiovisual e imagético, disponível em meio público digital (Instagram). A escolha desse caso, entre tantos outros relatos *que estão a um clique da palma de nossas mãos*, justifica-se, basicamente, pela forma como Gabriela, corajosamente, denuncia o efeito performativo do discurso bolsonarista sobre o público refratado, que reage com ataques estratégicos abaixo do radar.

ESTRATÉGIAS ABAIXO DO RADAR: PÚBLICOS REFRATADOS E LINGUAGEM

Nesta seção, apresento a concepção de públicos refratados (ABIDIN, 2021), apontando como essa estratégia abaixo do radar parte de grupos privados, que atuam numa dinâmica orientada por métricas em tempo real, de dentro do público bolsonarista para ataques coordenados na defesa do líder.

Para compreender o que proponho, precisamos partir da concepção de públicos em rede, desenvolvida por danah boyd (2010) para se referir às práticas que ocorrem nos sites e redes sociais. Quando a autora desenvolveu seus estudos, a internet e as mídias digitais, tais como conhecemos hoje, eram um ambiente ainda em ascensão. No entanto,

apesar de menos populoso do que em nossos tempos pós-digitais, as tecnologias em rede reorganizaram o modo como as informações fluem e como as pessoas interagem - tanto com as informações quanto umas com as outras.

Nesse sentido, a partir de boyd (2010), percebemos que a arquitetura de rede, ou seja, a organização do código que produz os ambientes digitais, é uma lente importante através da qual devemos olhar para compreender a relação entre o ambiente digital e a prática daqueles que estão ali inseridos. A autora nos explica que as arquiteturas digitais são forças estruturais configuradas por um código - o algoritmo - que não modifica apenas o fluxo das informações, mas agem de tal forma que alteram a própria arquitetura cotidiana. Isso quer dizer que as tecnologias em rede oferecem novas possibilidades para amplificar, gravar e espalhar informações e atos sociais. Essas possibilidades, segundo ela, não determinam de fato a prática social, mas podem desestabilizar as suposições centrais que as pessoas fazem ao se envolverem na vida social e, por isso, podem remodelar o público, direta ou indiretamente.

Boyd (2010) afirma que, quando não controladas, as tecnologias em rede podem desempenhar um papel poderoso no controle de informações e na configuração das interações. Então, com base nessas questões, o conceito de públicos refratados foi cunhado por Crystal Abidin (2021), em um estudo etnográfico a respeito de influenciadores de Instagram, desenvolvido para designar as camadas semiopacas que se formam entre a internet de superfície e a parte mais oculta e profunda da *web*. Tomando como base os estudos de danah boyd (2010), a respeito de tecnologia e mídias sociais e especialmente o conceito de públicos em rede, Abidin (2021) explana a respeito de práticas subversivas, arriscadas e ocultas nas mídias sociais.

Enquanto boyd (2010) desenvolve o conceito de públicos em rede para discutir questões relacionadas aos estudos de mídias e comunicação nos anos 2000, com foco principal em plataformas, infraestrutura e *affordance*, Abidin (2021), por sua vez, desenvolve uma proposta complementar. Com os rápidos avanços da *web*, o conceito de públicos refratados nasce de estudos antropológicos e sociológicos de culturas de usuários de internet durante a década de 2010, focando em adaptações agentivas e evasivas do que as plataformas oferecem. Em sua pesquisa, Abidin (2021) olha especialmente para celebridades de internet e influenciadores. Para a autora, eles são atores *extremamente on-line* e altamente visíveis, mas que tem a ver com estar *abaixo do radar*. Para explicar, ela define públicos refratados como *públicos que são contornados pelos usuários*. E,

Como tal, eles são simultaneamente (1) o espaço construído a partir do desejo de percepções refratas e (2) a coleção de práticas subversivas ou

evasivas como resultado de manipulações analógicas e algorítmicas de visão de acesso. Os públicos refratados permitem que os usuários e seu conteúdo *evitem a detecção* por olhos humanos e visão de máquina não alvos, *promovam o desvio* para cortinas de fumaça ou iscas alternativas de atenção e ainda *facilitem disseminação* de mensagens de forma expansiva e acessível. (...) Em essência, as culturas de públicos refratados são moldadas por evasão e usos “off-label” (ALBURY; BRYON, *apud* ABIDIN, 2021) e permitem que os usuários permaneçam “abaixo do radar” (ABIDIN, 2021, p. 03 – grifos meus).

Desse modo, a autora também nos mostra que as práticas de públicos refratados geralmente ocorrem a partir de grupos privados ou plataformas bloqueadas, mas nada impede que situações como as que vemos na postagem em (I) se enquadrem como uma estratégia abaixo do radar, que é justamente o que quero apontar aqui. Abidin (2021) nos explica que os públicos refratados não são meramente quaisquer práticas evasivas, mas são um produto do tempo dos usuários em cenários de vazamento de informações/dados de plataformas, protestos políticos e notícias falsas. É nesse sentido que podemos entender, segundo a autora, que enquanto os públicos em rede (BOYD, 2010) dos anos 2000 surgiam de recursos de sites de redes sociais, os públicos refratados, por sua vez, surgem de cultura de usuários que recebem e/ou codificam uma mensagem para que ela signifique uma coisa para o público em geral e que tenha um significado adicional para o público-alvo. Dessa forma, a partir da utilização de letramentos paralelos, a fim de codificar uma mensagem para que ela signifique coisas muito diferentes para públicos-alvo diferentes, e a partir do emprego da esteganografia social – prática de ocultar mensagens à vista (BOYD; MARWICK, *apud* ABIDIN, 2021) – podemos discorrer uma breve análise do caso no qual nos amparamos aqui.

Em (I), a legenda utilizada por Jair Bolsonaro é um bom exemplo de atuação abaixo do radar, através da estratégia de públicos refratados, uma vez que enquanto uma parcela dos seus seguidores satirizou, comentou na publicação, compartilhou em seus perfis ou em outras redes, fazendo o próprio algoritmo trabalhar, outro grupo, por sua vez, percebeu a postagem como um *comando* para atacar quem quer que esteja do outro lado da situação. Como vimos em (II), Gabriela Prioli foi, então, alvo das ameaças dos seguidores bolsonaristas, esse público refratado que entendeu o comando e atacou. Tal público, como já sabemos, é constituído de agentes humanos e *bots* (robôs), os quais geram dados para que o algoritmo trabalhe. A situação retratada por Prioli nos lembra, conforme Blommaert (2020), que não existe uma estrutura linear de comunicação no ambiente digital, pois toda e qualquer comunicação é mediada por tecnologias automatizadas de IA (inteligência artificial) - o algoritmo - fornecido pela própria plataforma. Como efeito

dessas mediações algorítmicas, Blommaert (2020) e Abidin (2021) nos mostram que não há um único público, mas um complexo e fragmentado público. As análises que nos oferecem os autores, mostram-nos que públicos influenciam públicos e, no caso que estamos observando, essa relação fica muito clara na denúncia que Gabriela Prioli faz. Ela mesma diz, em seu vídeo:

III) Seu propósito é um só e nós conhecemos bem qual é! O que ele quer é coordenar sua militância num ataque violento contra mim. A convocação, como sempre, covarde, atinge – no meu caso – uma mulher grávida de seis meses de uma menina. E isso me faz lembrar dos reiterados ataques de Bolsonaro às mulheres. (Gabriela Prioli).

Esse trecho da fala de Gabriela exemplifica, como podemos ver, a forma como ela percebe/recebe e responde tanto a postagem de Bolsonaro, como a legião de seguidores que atua em defesa dele, sejam agentes humanos ou *bots*. Notadamente, em situações de ataques mais diretos como esse, o ex-presidente se mantém, com facilidade, abaixo do radar. Por princípios legais, ou não, a forma como Jair Bolsonaro utiliza a linguagem tira o foco e distorce toda a cena que dá origem ao caso: o fato de que a apresentadora alegou não querer convidá-lo para participar de seu programa. Na reportagem original à coluna Veja, em que Gabriela Prioli afirma não ter interesse em chamar o então presidente para participar de seu programa, a apresentadora explica seus motivos, considerando que Jair Bolsonaro não é o perfil de pessoa que ela recebe e, segundo ela, não considera oportuno abrir espaço para alguém que, abertamente, ataca a democracia de nosso país. Em resposta e com uma postagem carregada de violência linguística, facilmente percebida quando nos damos conta do significado das palavras que ele utiliza, vemos *apenas mais um* caso que representa a disseminação do discurso de ódio que delinea o público bolsonarista. Um olhar acurado sobre as escolhas linguísticas do ex-presidente revela sentidos que, pelas implicações que oferecem para a formação da opinião pública, bem como para a vida social em si, merecem ser indagadas uma vez que entendemos a linguagem como performativa, como aquela que faz a realidade.

Portanto, na seção seguinte discutiremos como a noção de públicos refratados, complementar à ideia de públicos em rede, nos auxilia na compreensão das estratégias de amplificação bolsonarista numa atuação abaixo do radar.

PÚBLICOS REFROTADOS E A AMPLIFICAÇÃO BOLSONARISTA

Na seção anterior, discutimos a noção de públicos refratados como um complemento ao conceito desenvolvido por boyd (2010). Com isso, compreendemos a sua atuação, através dos usos linguísticos, como uma estratégia de amplificação bolsonarista, enquanto

prática que se mantém longe de ser tipificada, nos termos da lei, como injúria verbal – ou seja, abaixo do radar.

Nesta seção, então, para seguir nossa argumentação, é preciso compreender não apenas que as ideias de boyd (2010) e Abidin (2021) se complementam, mas qual é, afinal, essa relação e como ela se articula com as estratégias bolsonaristas para se manter abaixo do radar. Desse modo, precisamos olhar, inicialmente, para as quatro condições dos públicos em rede e seus correspondentes respectivos em públicos refratados, partindo do quadro que elaborei abaixo para explicar:

Tabela 1

Públicos em rede (BOYD, 2010)	Públicos refratados (ABIDIN, 2021)
1 - Persistência	1 - Transitoriedade
2 – Capacidade de pesquisa	2 – Descoberta
3 – Replicabilidade	3 – Decodificabilidade
4 – Escalabilidade	4 – Silossocialidade

Fonte: Elaborada pela autora com base em boyd (2010) e Abidin (2021).

Em termos de comparação, boyd (2010) aponta quatro *affordances* que emergem das propriedades dos *bits* e desempenham um papel significativo na configuração dos públicos em rede, sendo: 1) Persistência; 2) Capacidade de pesquisa; 3) Replicabilidade e 4) Escalabilidade, enquanto Abidin (2021) aponta para quatro correspondentes em públicos refratados, sendo 1) Transitoriedade; 2) Descoberta; 3) Decodificabilidade e 4) Silossocialidade.

Nessa relação de complementaridade, enquanto na persistência (1), as expressões *on-line* são registradas e arquivadas de forma automática, a transitoriedade completa essa ideia mostrando que as expressões *on-line* são mecanicamente e agentivamente efêmeras. Segundo Abidin (2021), nesse caso, os dados são apresentados aos públicos refratados de forma intencional, para serem excluídos depois de postados, por serem de curto prazo. Esse movimento pode ser realizado de forma manual ou através do uso de algoritmos.

Em (2), quanto à capacidade de pesquisa dos públicos em rede, o conteúdo pode ser acessado através de mecanismos de pesquisa, enquanto os públicos refratados, na descoberta, acessam o conteúdo *por acaso*. Isso significa dizer que um dado contexto, nos termos da autora, precisa ser cognoscível para que um usuário seja capaz de encontrá-lo.

Já em (3), na replicabilidade, que diz respeito aos públicos em rede, o conteúdo feito em *bits* pode ser replicado, enquanto que na decodificabilidade ele pode ser duplicado, mas pode não ser contextualmente inteligível. Quer dizer, então, que em

públicos refratados, embora os usuários possam fazer cópias dos conteúdos, eles podem não ser compreendidos sem o tácito conhecimento do contexto.

Por fim, em (4), em se tratando da escalabilidade, a visibilidade potencial do conteúdo em públicos em rede é grande, enquanto que na silossocialidade, a visibilidade do conteúdo é comunitária e localizada. Nesse sentido, significa que em públicos refratados o conteúdo é feito especificamente para certas comunidades e pode estar, ou não, visível para pessoas de fora.

Ainda, considero que para compreender como essas quatro condições atuam para chamar o *enxame* para o ataque, é necessário olhar também para a dinâmica entre públicos em rede e públicos refratados, considerando a relação apresentada na Tabela 2.

Tabela 2

Públicos em rede (BOYD, 2010)	Públicos refratados (ABIDIN, 2021)
5 – Audiências invisíveis	5 – Audiências impactantes
6 – Contextos colapsados	6 – Contextos armados
7 – Borrar o público e privado	7 – Alternar o público e o privado

Fonte: Elaborada pela autora com base em boyd (2010) e Abidin (2021).

Relacionando essas dinâmicas propostas por Abidin (2021), então, temos em (5) a questão de que, nos públicos em rede, nem todas as audiências são visíveis quando uma pessoa está contribuindo *on-line*, enquanto em audiências impactantes, tanto os usuários humanos, quanto o usuário máquina, estão presentes e, mesmo que não estejam necessariamente visíveis para o usuário comum, moldam a auto apresentação e o engajamento. Nesse sentido, há uma necessidade, em públicos refratados, de competir pela atenção humana.

Em (6), o contexto colapsado diz respeito à falta de fronteiras espaciais, sociais e temporais, que tornam difícil manter contextos sociais distintos, enquanto que em contextos armados, nos públicos refratados, os contextos socioculturais distintos são colapsados de forma intencional para potencializar a reapropriação. Portanto, em públicos refratados as ideias são reformuladas entre contextos, conforme os usos pretendidos.

Por fim, em (7), enquanto na dinâmica de públicos em rede temos uma confusão entre o público e o privado (tornando-os binários sem sentido que passam a ser dimensionados de outra forma), em públicos refratados há a alternância entre o público e o privado que, por conta da interferência da própria plataforma, não são categorias estáveis, uma vez que se moldam de novas maneiras.

A essa altura, então, podemos perceber que as condições e as dinâmicas entre públicos em rede e públicos refratados nos ajudam a compreender a forma como determinadas postagens, como (I), atuam no meio social. As condições em públicos refratados auxiliam Jair Bolsonaro a recontextualizar uma rejeição. Percebemos, sobretudo, a utilização da silossocialidade e do contexto armado com a pretensa ideia de resolver uma problemática para a qual Prioli chama a atenção em sua resposta:

IV) Falo muito, nas minhas análises políticas, sobre estratégia. A equipe do presidente, entre seus muitos desafios, tem um: o Bolsonaro precisa conquistar o voto feminino para tentar cavar a chance de se reeleger. O problema é que as mulheres do Brasil sabem exatamente quem é o Bolsonaro: um homem violento, agressivo, machista. Não importa o trabalho de imagem que tentem fazer os seus assessores e apoiadores políticos, o ódio do Bolsonaro às mulheres é tão forte, mas tão forte, que ele não consegue manter o script. Das cem últimas postagens na sua timeline do Instagram, só duas têm imagens de mulheres: as duas são postagens de ataque. (Gabriela Prioli).

Aqui, cabe lembrar que, do ponto de vista linguístico, a reiteração de sentidos, mobilizada por diferentes signos, está também atrelada ao contexto em questão. Por isso, não podemos deixar de considerar que a circulação da postagem de Jair Bolsonaro e a forma como seu ato de fala compõe uma disputa política com efeitos performativos, fazem parte de suas estratégias para se manter abaixo do radar.

Nesse trecho da fala de Prioli (IV) notamos, em especial, a utilização das dinâmicas de contextos armados e de audiências impactantes, pois, através de suas escolhas linguísticas, Jair Bolsonaro amplifica sua imagem. No entanto, se por um lado (1) a estratégia bolsonarista consiste em utilizar a linguagem para, dentro dos públicos refratados, manipular o algoritmo em seu favor e mobilizar a bolsosfera para o ataque, por outro (2), Gabriela Prioli ressignifica a cena, fortalecendo-se nesse processo – nos termos de Butler (2017) – de sujeição.

Um outro ponto que, em tempo, considero importante comentar, diz respeito à ideia de resistência que surge dessa cena linguisticamente violenta. A maneira como Prioli responde aos reiterados ataques sinaliza para a questão de como a vulnerabilidade – que é esse resultado da materialidade das relações sociais, em que corpos são sempre dependentes de outros corpos e de redes de apoio – age sobre os sujeitos e exige resistência.

Butler ([1997] 2021) nos ajuda a compreender que esses (e outros) atos de fala violentos funcionam como uma ameaça que pode ser, ou não, cumprida. Atitudes de resistência são, então, ações através das quais aquele que é ameaçado tenta desarmar o ataque ao qual está submetido – o que vemos Gabriela Prioli fazer com seus usos linguísticos. No início da discussão que apresento aqui, trouxe a afirmação de que somos todos vulneráveis à violência, mas não devemos nos esquecer de que parte das estratégias

bolsonaristas se constituem em atacar, sobretudo, corpos que são socialmente considerados mais vulneráveis do que outros, como o corpo feminino – que luta e resiste em uma sociedade altamente misógina e machista - por exemplo, conforme a apresentadora nos lembra em (IV), quando nota o fato de que as duas únicas mulheres que aparecem na *timeline* do Instagram de Bolsonaro, ao longo de um certo período, são alvo de cenas de ataque.

Por fim – e para além da cena que é central nesse debate aqui – a resposta de Prioli caracteriza uma prática de resistência nos termos do que Butler (2019) chama de força da não violência, nos lembrando o fato de que é necessário enfrentar a violência trazendo para a cena uma linguagem de não violência. A resistência que Gabriela Prioli representa nos lembra, tal como nos fala Butler (2019), que um discurso violento não pode dominar, para sempre, um determinado sujeito.

PALAVRAS FINAIS

Com os estudos desenvolvidos por Abidin (2021), percebemos, tal qual a autora, que a estratégia de públicos refratados é muito utilizada por influenciadores para se manterem abaixo do radar e não atingirem públicos-alvo não alvo. Em sua visão, ela nos mostra que o enquadramento discursivo populista faz parte da retórica daqueles que são o que a autora chama de líderes de opinião para jovens usuários de internet. Por esse motivo, Abidin (2021) considera os influenciadores como uma *plataforma de amplificação* dentro de uma internet cada vez mais saturada.

Em consonância, percebemos, conforme aponta Blommaert (2020), que a comunicação em tempos pós-digitais envolve uma infinidade de atores, humanos e não humanos, que operam tanto como produtores quanto como receptores de mensagens políticas. Desse modo, os efeitos, intensidades e escalas de circulação dos discursos políticos se dão na relação interacional entre o usuário e o algoritmo da plataforma. Ainda, nos termos do autor, devemos lembrar de que na *web* estamos diante de uma forma de comunicação não linear, assimétrica e não sincrônica, que envolve diferentes ordens indexicais, na qual o algoritmo é muito poderoso.

Assim, argumento que, com base no que os autores nos mostram, os grupos de amplificação, enquanto estratégia de públicos refratados e sua atuação abaixo do radar, por se tratarem de grupos voltados a coordenar ações analógicas para acionar o algoritmo com a finalidade de priorizar determinadas postagens, serve, de fato, como uma ferramenta bolsonarista. A ideia, no exemplo de Prioli, seria acionar o algoritmo para que direcionasse a infraestrutura digital bolsonarista ao ataque da apresentadora, uma vez

que, como temos visto, a internet tem um papel proeminente na transformação da esfera pública e na sociedade civil. Tais transformações demandam de uma análise pragmática do discurso, ativamente realizada por linguistas em casos como esses em que a linguagem é estrategicamente utilizada para camuflar e disseminar os discursos de ódio. Quando Butler ([1997] 2021) nos lembra que a linguagem opressiva faz mais do que representar a violência, mas ela é, em si, a violência, lembramos do papel que temos em debater, no *mainstream*, com propriedade, a respeito dessas práticas violentas que circulam na e pela linguagem, enquanto estratégia predominante da extrema direita. A ideia de se manter abaixo do radar na internet de superfície favorece a disseminação de ódio enquanto foge à detecção da inteligência artificial e burla os mecanismos, altamente falhos, de detecção incorporados nas novas mídias. No limite, os linguistas que atuam como analistas do discurso devem ser considerados como parte fundamental na análise de casos em que a linguagem é utilizada com tal finalidade.

Não é novidade que as escolhas linguísticas que utilizamos significam que as escolhas do que queremos fazer no mundo e, no contexto digital, isso não é diferente, ainda que na *web* a forma de interlocução e os efeitos performativos da linguagem mudem, o que faz com que se possa perder, facilmente, o controle da situação. Uma vez que um signo linguístico surge no espaço interpessoal entre duas (ou mais) pessoas, sua ocorrência transforma irreversivelmente as relações sociais. Logo, não existe comunicação sem que sentidos surjam: quando um signo viaja, ele encontra contextos nos quais seu sentido vai depender dos processos de contextualização e, portanto, de quem, como e onde esse signo é recebido.

Nesse sentido, as questões que dizem respeito à violência, sobretudo sua manifestação como discurso de ódio, discutidas de diversas formas nos meios social e científico, exigem uma certa urgência por atenção enquanto um aspecto que não deve ser deixado de lado. Por isso, entendo que compreender a relação, bem como o papel central da linguagem nas estratégias de públicos refratados para se manterem abaixo do radar, nos ajuda a discutir não apenas sobre os ataques como os que sofreu Gabriela Prioli, ou como sofrem, diariamente, tantas outras pessoas, mas também em como as estratégias bolsonaristas, por se manterem, de fato, abaixo do radar, disseminam o ódio e têm efeitos sobre o outro. Nesse sentido, devemos lembrar, ainda, que o sujeito, além de passar por um processo de sujeição, entra – depois de estar exposto a uma cena de violência – em um dinamismo de ressignificação.

Por fim, acredito que estudos que busquem olhar mais atentamente para a algoritmização da vida social sejam de grande importância social e acadêmica, a fim

de que possamos compreender e combater estratégias de uma direita que vivencia um bolsonarismo sem Bolsonaro, que segue no limbo e que, muito provavelmente em breve, apontará um novo líder.

REFERÊNCIAS

ABIDIN, C. **Internet Celebrity: Understanding Fame Online**. London: Emerald Publishing Limited, 2018.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: Palavras e ações**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1969 [1990]. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho.

BLOMMAERT, Jan. Political discourse in post-digital societies. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [S.L.], v. 59, n. 1, p. 390-403, abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8658276/22506> Acesso em: 09 Nov. 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/01031813684701620200408>.

BOLSONARO, Jair Messias. **Tabajara Futebol Clube diz porque não quer Neymar em seu time**. 01 set. 2022. Instagram: jairmessiasbolsonaro. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ch_IrVVuwW7/. Acesso em: 04 set. 2022.

BOYD, Danah. “Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications”. In: **Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**, organizado por Zizi Papacharissi, 39–58. New York: Routledge, 2010.

BUTLER, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: Crocodilo, 2019.

BUTLER, J. **Discurso de ódio**. [s.l.] Editora Unesp, [1997] 2021.

BUTLER, J.; GAMBETTI, Z. SABSAY, L. (2017) **Vulnerability in resistance**. Durham: Duke University Press. (cap. 1)

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no brasil. **Internet & Sociedade**, [S.L], v. 1, n. 1, p. 91-116, fev. 2020. Anual. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/serifcomo-vencer-uma-eleicao-sem-sair-de-casa-serif-a-ascensao-do-populismo-digital-no-brasil/> . Acesso em: 01 set. 2020.

CESARINO, L. **O mundo do avesso**. [s.l.] Ubu Editora, 2022.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PRIOLI, Gabriela. **A gente sabe quem você é!** Instagram: @gabrielaprioli. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CiArBWFL2z/>. Acesso em: 04 set. 2022.

SILVA, Daniel N. THE PRAGMATICS OF CHAOS: parsing bolsonaros undemocratic language. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [S.L.], v. 59, n. 1, p. 507-537, abr. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/01031813685291420200409>.

SILVA, Daniel do Nascimento e. **Pragmática da Violência: O Nordeste na mídia brasileira**. 2010. 181 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Unicamp, Campinas, 2010.

ANEXO

Transcrição do vídeo-resposta de Gabriela Prioli, disponível em: <https://www.instagram.com/p/CiArBWFL2z/> Acesso em 04/09/2022.

A gente sabe quem é você - Gabriela Prioli

“Ontem à noite, o Presidente da República, em vez de responder sobre a compra de tantos imóveis em dinheiro vivo, sobre as *rachadinhas* ou sobre a sua aliança com o *centrão*, decidiu publicar nas suas redes sociais uma matéria sobre mim, fazendo piada. Seu propósito é um só e nós conhecemos bem qual é! O que ele quer é coordenar sua militância num ataque violento contra mim. A convocação, como sempre, covarde, atinge - no meu caso - uma mulher grávida de seis meses de uma menina. E isso me faz lembrar dos reiterados ataques do Bolsonaro às mulheres. Eu recebi centenas de ameaças nas últimas horas e ele sabia que isso aconteceria. Esse era o objetivo dele. Mas isso não me intimida. Isso apenas reforça minha convicção de que o atual presidente faz parte do que existe de pior na humanidade e que ele deve ser varrido de volta para o lugar de onde ele nunca deveria ter saído. Em breve, ele será.

Falo muito, nas minhas análises políticas, sobre estratégia. A equipe do presidente, entre seus muitos desafios, tem um: o Bolsonaro precisa conquistar o voto feminino pra tentar cavar a chance de se reeleger. O problema é que as mulheres do Brasil sabem exatamente quem é o Bolsonaro: um homem violento, agressivo, machista. Não importa o trabalho de imagem que tentam fazer os seus assessores e apoiadores políticos, o ódio do Bolsonaro às mulheres é tão forte, mas tão forte, que ele não consegue manter o *script*. Das cem últimas postagens na sua *timeline* do Instagram, só duas têm imagens de mulheres: as duas são postagens de ataque.

A piada do presidente revela ainda uma outra coisa: uma das suas principais características é o recalque. A vida do Jair Bolsonaro foi marcada pela mediocridade: ele foi um tenente medíocre, um deputado medíocre, é um presidente medíocre. A violência dele esconde um ego frágil e machucado. E além de tudo isso, a piada revela que ele sofre de limitada capacidade intelectual, que se apresenta na incoerência da mensagem.

Se eu sou irrelevante, senhor presidente, por que me postar na *timeline* das suas contas oficiais? Sentiu, né?! Eu lamento, porque nem eu, nem as muitas mulheres do Brasil, vamos nos calar!”

Recebido em: 05 abr. 2023.

Aceito em: 12 jun. 2023.